

LEIA AGORA

Pegada digital

Na era da conexão, em que os algoritmos definem as informações que recebemos e registram os nossos passos, como navegar com segurança e responsabilidade?



Comércio *on-line* e privacidade

Com o aumento das compras pela internet, garantir o sigilo dos dados pessoais se faz cada vez mais necessário.

Perigos da exposição na internet

A era digital mudou a forma como as pessoas se relacionam e expõem a sua vida. Porém, mesmo que pareça seguro, o ambiente virtual apresenta riscos semelhantes aos do mundo real.

Redes sociais e reputação

A maneira como os candidatos a um emprego se comportam nos *sites* de relacionamento pode ser considerada pelas empresas um fator decisivo para a contratação.

Edição

03

Abr-2019

Direção-geral

Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial

Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial

Emília Noriko Ohno

Gerência de produção editorial

Andréa Cozzolino

Coord. de projeto editorial

Brunna Mayra Vieira da Conceição

Consultoria de desenv. editorial

Caroline Barbosa Lopes do Amaral

Analista editorial

Débora Cristina Guedes

Coord. de licenciamento e iconografia

Leticia Palária de Castro Rocha

Licenciamento

Vitor Hugo Medeiros

Coordenação de prod. editorial

Marcos Vinicius de Toledo de Oliveira

Coordenação de edição de texto

Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto

Bruno Freitas, Cláudio Leyria, Edilene Faria, Letícia Paiva e Thaís Inocência

Coordenação de revisão

Carla Vieira Cardoso Egídio

Revisão

Kemi Tanisho e Mayara Crispim Freitas Sá

Coordenação de arte

Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico

Willyam Gonçalves

Diagramação

Marcelo Delgado Ribeiro e Patrícia Aparecida Monteiro



Nesta edição

5 ENTRELINHAS COMÉRCIO NA ERA DIGITAL

Com os novos hábitos de consumo, cresce a importância do debate sobre como manter a privacidade das informações pessoais dos usuários da internet.

7 CONTEXTO A IMPORTÂNCIA DA PROTEÇÃO DE DADOS NO USO DA INTERNET

O *boom* digital dos últimos anos alterou a forma como socializamos e divulgamos as nossas informações. Assim, como podemos permanecer no ambiente *on-line* e, ao mesmo tempo, proteger a nossa privacidade?

15 PARÊNTESE SUA IMAGEM NA INTERNET ATRAPALHA A CONTRATAÇÃO?

É cada vez mais comum as empresas monitorarem, nas redes sociais, o comportamento de candidatos a um emprego antes de decidir quem vai ocupar uma vaga.

Editorial

Pegada digital

Você já tentou buscar seu nome no Google? Se não, sugerimos que faça essa experiência e descubra todas as informações que uma pessoa ou empresa de qualquer lugar do mundo pode ter sobre você. Os dados encontrados são os mais diversos, desde *e-mail* e número de telefone até o nome dos pais e restrições judiciais. Mas como é possível encontrar tudo isso? A resposta é simples: seguindo a sua “pegada digital”.

Se toda ação que realizamos *off-line* deixa uma marca, na internet não poderia ser diferente. No ambiente digital, tudo o que fazemos deixa rastros, que dizem muito sobre nós. Esses registros podem ser voluntários – o que inclui as publicações e interações em *sites* e redes sociais – ou involuntários, como o tempo de navegação, as páginas acessadas, os termos buscados etc. No entanto, essa exposição *on-line*, seja consciente ou inconsciente, tem colocado em risco o que deveria ser um direito garantido: a nossa privacidade.

Muitas empresas, por exemplo, têm usado esses dados para nos incentivar a consumir e até mesmo para controlar as informações que chegam até nós. Enquanto alguns algoritmos facilitam nossa vida, como aqueles que nos indicam filmes nos serviços de *streaming*, outros podem ser usados por pessoas mal-intencionadas para monitorar nossas ações e até mesmo influenciar as decisões que tomamos. Diante desse cenário, como podemos garantir a nossa autonomia no meio digital?

É essa reflexão que propõe o *Leia Agora* deste mês. Assim, na seção “Contexto”, conheceremos os perigos da exposição de dados na internet e como nos proteger deles. No “Entrelinhas”, analisaremos a relação entre comércio digital e privacidade, observando os cuidados necessários para resguardar nossos dados pessoais quando realizamos compras na internet. No “Parêntese”, veremos que, cada vez mais, as redes sociais se tornam nossa vitrine e são usadas pelas empresas para decidir a contratação de um candidato. Já na seção “Carreira”, saberemos o que faz um cientista da computação, profissional que usa o raciocínio lógico para desenvolver muitos dos serviços digitais que utilizamos hoje em dia. Desejamos a você uma boa leitura!

Destaque

Investigação *hi-tech*: como a polícia chegou aos suspeitos de matar Marielle

Desde o sinal emitido pelos aparelhos até o histórico de buscas na internet, a análise de dados de celulares foi decisiva para a polícia chegar aos suspeitos de matar a vereadora Marielle Franco. Quase 700 GB de dados foram analisados remotamente. O delegado que comandou as investigações, Ginton Lages, destacou que não foi a interceptação de conversas telefônicas que fez a polícia chegar até os suspeitos, mas a “quebra de dados telemáticos”. Ou seja, a investigação de comunicações feitas a distância, inclusive pelo uso de aplicativos de conversa.

12 mar. 2019 – G1

Como você é espionado por seu celular Android sem saber

Um usuário compra um celular Android novo. Tanto faz a marca. Abre a caixa, aperta o botão de ligar, o celular se conecta à internet e, sem fazer nada mais, ele acaba de iniciar a mais sofisticada máquina de vigilância da sua rotina. Não importa se você vai baixar o Facebook, ativar sua conta do Google ou dar todas as permissões de acesso a qualquer aplicativo. Antes de executar qualquer ação, seu celular novo já começou a compartilhar detalhes da sua vida. O *software* pré-instalado de fábrica é o recurso mais perfeito desse celular para saber sua atividade futura: onde está, o que ele baixa, quais mensagens manda, que arquivos de música guarda. Nossa informação pessoal é enviada a uma ampla rede de destinos (de corporações a *start-ups*).

19 mar. 2019 – El País

Mãe quer tirar da internet “fake news” que acusam filho morto de ser traficante

Bruna da Silva passou dias levando a camisa do uniforme escolar do filho para todos os cantos da cidade. Queria mostrar a mancha de sangue na peça de roupa. A bala matou Marcos Vinicius da Silva, de 14 anos, em junho de 2018, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Bruna acusa o Estado pela morte de seu filho. No mesmo dia, aconteceu o que Bruna descreve como a segunda morte de Marcos. Enquanto o menino era operado, começou a ser compartilhada em redes sociais uma foto que mostra um adolescente parecido com Marcos, sem camisa, segurando uma arma apontada para o céu e sorrindo. Acusavam Marcos de ter envolvimento com o tráfico de drogas – o tom das mensagens dava a entender que isso justificaria uma execução.

11 mar. 2019 – BBC Brasil

O que acontece com seu cérebro se você largar o Facebook?

“Um mês fora do Facebook aumenta o bem-estar geral, reduz a ansiedade, a depressão e o tempo dedicado posteriormente a esta rede social”, segundo a pesquisa das universidades NYU e Stanford. Trata-se da maior análise já feita sobre os efeitos do Facebook em nossos cotidianos e hábitos. Como concluíram isso? Com o mesmo método que os laboratórios farmacêuticos usam para saber se um remédio funciona: escolheram um grupo de 2844 usuários que cumpriam os requisitos e os dividiram aleatoriamente. A uns deram o tratamento, um mês de abstinência do Facebook, e ao outro, o grupo de controle, permitiram que continuassem conectados. O experimento consistiu em monitorar as diferenças entre os dois grupos.

13 fev. 2019 – El País

CHECK! THIS OUT!

Woman attacked by a jaguar while taking a selfie

A woman who was attacked by a jaguar at an Arizona zoo has apologized for the incident, according to a zoo spokeswoman. The woman returned to the Wildlife World Zoo in Litchfield Park following the attack and said she “feels horrible about the bad publicity the zoo is getting regarding the incident”. The zoo has said the woman crossed over a barrier to get a photo and was attacked by a female jaguar.

11 mar. 2019 – CNN

The Guardian
GEÓRGIA



As notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 21 mar. 2019.



Cinquenta anos depois que o homem pisou na Lua, em 1969, cerca de 1,2 mil estudantes brasileiros competiram no Rio de Janeiro, no Festival Sesi de Robótica, com projetos voltados para a pesquisa no espaço. As soluções apresentadas por alunos, a partir de 9 anos, passaram por temas como combustíveis alternativos, materiais leves e sobrevivência em atmosfera zero. Os estudantes disputaram em três categorias, e em duas delas estavam disponíveis vagas para participar da maior competição de robótica do mundo, o *World Festival*, em Houston, nos Estados Unidos.

17 mar. 2019 – Agência Brasil

//EM FOCO

Comércio na era digital

Com os novos hábitos de consumo, cresce a importância do debate sobre como manter a privacidade das informações pessoais dos usuários da internet.

TEXTO 01

Todos nós ouvimos dizer alguma vez que quando um produto é aparentemente gratuito é provável que na verdade estejamos pagando por ele com dados. Isso acontece com as redes sociais, os cartões de fidelidade de lojas e supermercados ou com infinitos aplicativos que oferecem serviços mais ou menos relevantes em troca, somente, dos nossos dados pessoais.

[...]

Na verdade, cada vez que visitamos uma página com o computador, o celular ou o tablet, recebemos dezenas de pedidos de instalação de cookies. Somos, portanto, o produto, porque em troca da informação que obtemos fornecemos detalhes sobre nossa atividade online e, frequentemente, dados pessoais como nome e localização, hábitos, cartão de crédito, etc.

CLAVELL, Gemma Galdon. "O que acontece com nossos dados na internet?". *El País*, 12 jun. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/12/tecnologia/1434103095_932305.html>. Acesso em: 25 mar. 2019.

02 TEXTO

Para mediar essa relação assimétrica com o consumidor, governos estão criando leis específicas. Na Europa, o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados entrou em vigor em maio do ano passado e, no Brasil, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) passa a valer em agosto de 2020.

[...]

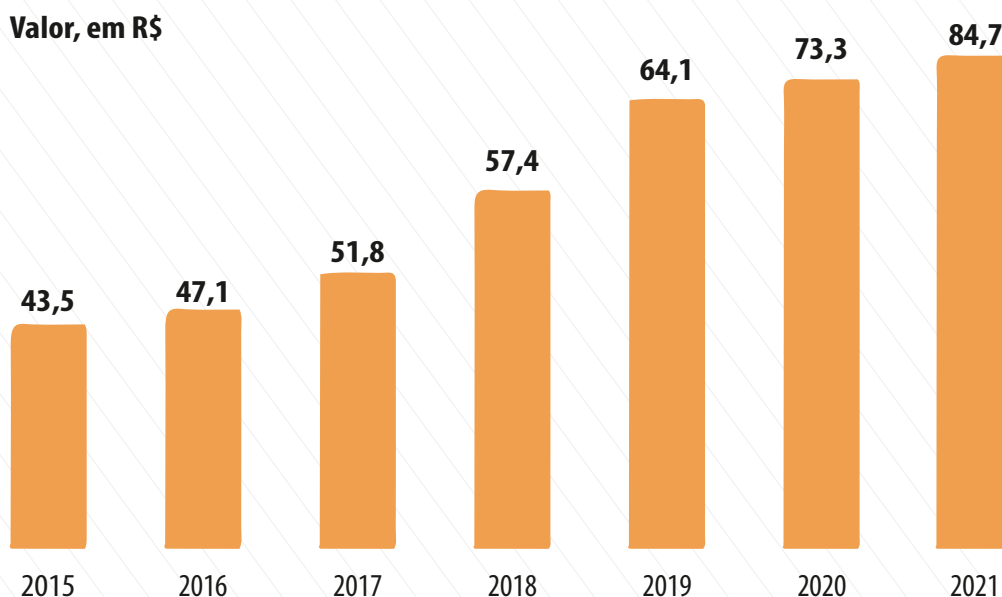
A nova lei garante aos consumidores uma série de direitos e, às empresas, deveres. Na prática, as pessoas passam a ser donas das suas informações, podendo exigir das companhias acesso aos dados coletados, às políticas sobre a finalidade de uso e até mesmo a eliminação das informações.

"Entenda a nova Lei de Proteção de dados e saiba como evitar invasões a sua privacidade". *O Globo*, 15 mar. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/entenda-nova-lei-de-protecao-de-dados-saiba-como-evitar-invasoes-sua-privacidade-23523089>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TEXTO 03

Crescimento do comércio eletrônico no Brasil

Pesquisa realizada pelo Google indica que as vendas pela internet no país terão um crescimento de 12,4% até 2021.



Fonte: Google/Forrester Research

A praticidade e a comodidade de se realizar compras pela internet têm tornado esse hábito cada vez mais comum no nosso dia a dia. Por meio do celular, *tablet* ou computador, podemos consultar uma ampla diversidade de produtos com alguns cliques em diferentes *sites*, que oferecem ao consumidor *on-line* preços competitivos, entrega rápida e diversidade no modo de realizar o pagamento – condições que geralmente não se estendem às lojas físicas. Contudo, ao preencher seu cadastro em um determinado *site*, seja para realizar a compra desejada ou para ter um desconto exclusivo, você é capaz de imaginar quais outras empresas e pessoas também poderão ter acesso aos seus dados pessoais?

Uma possível resposta para essa pergunta pode ser encontrada no Texto 01. O trecho selecionado afirma que, quando um produto é ofertado ao usuário da internet de forma gratuita, como é o caso das redes sociais, dos cartões de fidelidade de lojas e supermercados e até de alguns aplicativos que oferecem inúmeros serviços, os internautas dão em troca algo que tem muito valor na era digital: os dados pessoais. Ou seja, de simples consumidores nos tornamos o “produto”. Já o texto na íntegra diz que, nos dias de hoje, ao navegarmos por um determinado *site* ou anúncio, deixamos um rastro digital, pois estamos sendo monitorados durante todo o tempo. Essa mesma lógica de “troca”, em que recebemos algo gratuitamente e ofertamos nossas informações, pode ser estendida para as notícias e outros serviços que, diariamente, acessamos sem custo em dezenas de *sites*. Ao acessá-los, nossos dados são enviados ao proprietário da página, que os utilizam para estudos ou, ainda, para vendê-los a terceiros.

Recomendamos que você leia essa matéria em sua totalidade, pois ela também explica, ainda que de maneira sucinta, como o tempo que gastamos em determinado *site*, a quantidade de páginas que deixamos abertas em nossos computadores e celulares e as fotos que curtimos e comentamos geram algoritmos, os quais resultam em um panorama de quem somos no mundo virtual. O texto reforça ainda que o exemplo mais comum e fácil para entendermos essa situação é a internet, mas que nem fora dela deixamos de ser constantemente monitorados.

Diante desse cenário, os brasileiros devem ganhar uma aliada a favor da privacidade: a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que entrará em vigor em agosto de 2020, como afirma o Texto 02. Essa diretriz, baseada

no Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados, em vigência na Europa desde maio do ano passado, busca definir ainda regras sobre como as empresas devem lidar com os dados pessoais de quem faz qualquer tipo de cadastro pela internet. A legislação brasileira define ainda quais os deveres dessas companhias, que devem solicitar apenas as informações necessárias de seus consumidores; estes, por sua vez, passam a ter alguns direitos garantidos, como o consentimento, a transparência e a eliminação dessas informações. Mas, enquanto essa lei não entra em vigor, vale seguir algumas dicas valiosas citadas na reportagem, como navegar sempre de forma anônima, controlar as permissões relacionadas à privacidade e não salvar informações e arquivos pessoais na “nuvem”.

Nesse contexto, também cabe analisar com atenção os números apresentados no gráfico do Texto 03, que traz uma estimativa de crescimento para o comércio eletrônico no Brasil. Esse aumento deve ser de, em média, 12,4% ao ano, chegando a quase R\$ 85 bilhões em vendas até 2021. Os dados são de um estudo realizado em 2016 pelo Google, em parceria com a empresa Forrester Research, que aponta a influência do meio digital na decisão final do consumidor, ainda que as compras não sejam concluídas pela internet, e sim em uma loja física. Estima-se que 6 de cada 10 produtos das vendas *off-line* sofrem influência do meio digital. Isso significa que a pessoa prefere pesquisar os preços *on-line*, sobretudo de livros, eletrônicos e eletrodomésticos, mas deixa para finalizar a compra em uma loja física. Além disso, ao adquirir um produto por meio do comércio eletrônico pela primeira vez, o indivíduo passa a ter confiança e optar por fazer novas aquisições pela internet. Então, se iremos, cada vez mais, obter novos produtos dessa maneira, alterando os hábitos tradicionais de consumo, precisaremos ter um cuidado constante e redobrado no mundo virtual.

Leia atentamente os textos apresentados, procure outras informações sobre o assunto e, em seguida, produza um texto dissertativo com o seguinte tema: “Na era digital, como manter a privacidade e proteção dos nossos dados na internet?”. Para ajudá-lo na construção desse material, também é interessante conhecer melhor a Lei de Proteção de Dados brasileira e outras regulamentações semelhantes que já existem em outros países. Boa produção textual!

A importância da proteção de dados no uso da internet

O boom digital dos últimos anos alterou a forma como socializamos e divulgamos as nossas informações. Assim, como podemos permanecer no ambiente *on-line* e, ao mesmo tempo, proteger a nossa privacidade?

POR MATHEUS COSTA DE MELO MOREIRA

A internet tem sido responsável por introduzir novas formas de relacionamento na sociedade, principalmente com a difusão dos dispositivos móveis, que facilitaram ainda mais o acesso a ela. Ao mesmo tempo em que esse cenário tecnológico afastou as pessoas fisicamente, ele também proporcionou contato frequente, direto e interativo entre elas, gerando uma nova forma de convivência. Inverteu-se a antiga ordem de que primeiro seria necessário um contato físico para que só então fosse possível chegar a uma comunhão de ideias. Hoje, em tempo real, os indivíduos e grupos sociais participam ativamente da construção, discussão e seleção das informações que serão inseridas na rede.

Juntamente com essas facilidades, vieram para o mundo virtual as mazelas da vida real. Tal situação foi intensificada quando os usuários – muitos deles adolescentes sem o devido acompanhamento dos responsáveis – passaram a utilizar a rede sem se preocupar com seus dados pessoais ou de seus familiares.

Uma pesquisa sobre relações virtuais e exposição via redes sociais, realizada pelo psiquiatra Jairo Bouer com indivíduos entre 13 e 17 anos, indica que

o uso da internet por adolescentes deve ser mais bem entendido e discutido, tanto pelos responsáveis quanto por educadores. Para Bouer, “a internet exige uma série de cuidados e limites que não estão muito claros, nem para os próprios jovens, nem para os pais e professores”. Segundo ele, não é o caso de impor limites nem de controlar a vida digital desses adolescentes, e sim de mostrar os riscos que existem. “É importante que eles próprios aprendam a criar seus filtros e a lidar com essas situações de uma forma mais segura e responsável”, diz o psiquiatra.

A pesquisa revelou ainda que 60% dos jovens costumam usar a *web* como forma de conhecer pessoas, dos quais 27% utilizam as redes sociais especificamente para isso e 38% já fizeram amizades pela internet que se estenderam para a vida real. Outro dado importante, que merece muita atenção dos pais e responsáveis, é que 25% dos entrevistados já “ficaram” com pessoas que conheceram *on-line*, mesmo conscientes dos perigos de marcar um encontro com um desconhecido (visto que 97% dos entrevistados





É importante que os jovens entendam os riscos da exposição na internet e que aprendam a criar os próprios filtros.

dizem não confiar logo de cara em quem conhecem pela rede). E esse é um comportamento cada vez mais comum, afinal, 44% admitem a possibilidade de marcar encontros reais com pessoas que conheceram no mundo virtual.

A exposição na internet e os impactos disso foram outros temas levantados pelo mesmo estudo, o qual revelou que 36% dos entrevistados fazem comentários na rede, 71% postam fotos e 7% já publicaram fotos ou filmes mais ousados. Além de não se importarem com as consequências dessas atitudes, os jovens também não utilizam as ferramentas de segurança no próprio computador: 35% deles não usam filtros para impedir que qualquer um acesse as suas informações e quase 7% costumam abrir a *webcam* para pessoas que não conhecem. O conteúdo publicado na *web* também traz problemas de relacionamento com o namorado(a) (17%) e amigos (19%). Além disso, 10% já enfrentaram transtornos por causa de imagens ou *posts* publicados por outras pessoas.

A violência também foi abordada pela pesquisa. Entre os entrevistados, 69% afirmaram que o anonimato da internet estimula as pessoas a ofender umas às outras e 29% deles já fizeram algum comentário ou tiveram alguma atitude ofensiva com amigos ou desconhecidos no meio digital. Isso sinaliza o crescimento do *cyberbullying*, pois 31% dos adolescentes declararam que já foram vítimas de alguma forma de violência, inclusive a psicológica, 11% de preconceito e 15% já se sentiram mal em função de alguma agressão sofrida. Ademais, mais de 3% disseram que evitaram sair de casa, falar com alguém ou ir à escola por algum problema surgido na internet.

Além dos perigos apontados, o excesso de exposição ainda serve como fonte de informação para criminosos reais. Tudo o que é postado na rede vira munição para quem deseja praticar atos ilícitos, e não são raros os casos de pessoas que foram alvo de

crimes, como sequestro, ou que tiveram sua residência invadida após postagens na internet. Em muitos casos, o próprio infrator afirma ter orquestrado o crime por meio de simples consulta em uma rede social. Em junho de 2014, uma reportagem do G1 relatou um sequestro inteiramente planejado dessa forma. Na matéria, o sequestrador relata que demorou cerca de 10 dias para planejar o crime e que coletou todas as informações necessárias consultando apenas as redes sociais da vítima.

Assim, apesar de o meio digital passar a impressão de ser um ambiente seguro, os usuários têm que atentar nos perigos do excesso de exposição. O que se nota é que a internet trouxe a rua para dentro das casas. É importante refletir sobre isso, pois os principais riscos digitais são muito semelhantes aos do mundo real, como sofrer com assédios, exposição indevida da intimidade ou mesmo ser vítima de sequestro ou ofensas. As precauções também são semelhantes e passam por não conversar com estranhos, não acessar conteúdos indevidos e tomar cuidado com a troca de informações pessoais.

Encontrar velhos e novos amigos, conhecer pessoas, falar sobre a vida... esse é o charme, o principal atrativo das redes sociais, mas é também o grande perigo dessa ferramenta de comunicação. Dizer onde está ou comentar o que está fazendo são informações que podem trazer problemas. Um jogador de futebol do Chelsea, por exemplo, publicou em suas redes sociais uma foto com sua esposa, declarando na postagem que estaria fora de casa por alguns dias para esquiar com a família. Em posse dessas informações, enquanto eles viajavam, ladrões roubaram a casa¹ do atleta. Acredita-se que a própria postagem do jogador tenha atraído a atenção dos ladrões, que certamente não hesitaram em realizar o roubo, pois sabiam que não haveria ninguém no imóvel naquele momento.

“

O que se nota é que a internet trouxe a rua para dentro das casas. É importante refletir sobre isso, pois os principais riscos digitais são muito semelhantes aos riscos do mundo real.

”

¹Disponível em: <https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2017/03/04/jogador-do-chelsea-posta-foto-de-viagem-enquanto-isso-tem-casa-roubada/>. Acesso em: abr. 2019.

TOQUE DO ESPECIALISTA

POR MARCELO DE HOLLANDA WOLFF

Algoritmos para tudo?

Os historiadores relacionam a origem da palavra “algoritmo” a uma variação do nome de Mohammed ben Musa **Al-Khwarizmi**, uma justa homenagem ao matemático persa do século IX, fundador da álgebra. Atualmente, o termo é usado em diversos idiomas e possui duas principais definições: uma matemática – que o classifica como uma sequência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um conjunto de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas – e outra muito usada na informática – que o identifica como um conjunto de regras e procedimentos lógicos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas.

Repare que a primeira definição destaca as regras para resolver problemas e que, quanto maior for o poder para solucionar **diversos problemas similares**, melhor será o algoritmo. Por exemplo: qual algoritmo deve ser usado para resolver **qualquer** equação do 2º grau? A resposta para essa questão é a fórmula resolvente de Bhaskara, um modelo de algoritmo eficiente.

Já a segunda definição foca a solução de apenas um problema, em etapas. Nesse caso, o melhor algoritmo é aquele capaz de realizar a tarefa **no menor número possível de etapas**. Programar no computador, por exemplo, é introduzir um algoritmo em linguagem compreensível para a máquina, com o objetivo de aumentar a velocidade do seu processamento enquanto ela roda os programas.

No início da computação, a diferença de tempo entre dois algoritmos, em alguns casos, era crítica. Exemplo disso foi a necessidade de se calcular órbitas com considerável precisão e rapidez para orientar as missões espaciais americanas no bem-sucedido pouso na superfície lunar, em 1969. Os ajustes de última hora deveriam ser comunicados à tripulação o mais rápido possível, e, assim, a diferença de tempo entre os algoritmos foi essencial. Hoje em dia, com a evolução dos processadores, é praticamente impossível perceber diferenças de tempo na realização de uma tarefa efetuada por dois algoritmos competidores, já que esse tempo fica na casa dos milésimos de segundo em grande parte das aplicações.

Recentemente, houve renovado interesse por algoritmos, motivado pela cerimônia da entrega do Oscar 2019 e pelos “bolões” para acertar os vencedores. Um matemático de Harvard, Ben Zauzmer, criou um algoritmo baseado em estatísticas de outros prêmios dados pelo sindicato dos artistas e até em mercados de apostas. O objetivo era estimar a probabilidade de cada concorrente ganhar nas respectivas categorias. Na edição de 2018, ele acertou em 20 das 21 categorias! Porém, em 2019, um ano cheio de “zebras”, o desempenho foi de apenas 12 em 21. Sinal de que sempre haverá espaço para que esse e outros algoritmos sejam aperfeiçoados.

Por esses e outros motivos é preciso ter cautela ao executar ações na internet e postagens nas redes sociais, pois, assim como os meios digitais são utilizados para aproximar as pessoas, eles também podem ajudar a disseminar o mal. Na era digital em que vivemos, um dos requisitos para se conhecer uma pessoa é acessar sua “vida virtual”, através da qual se vê os lugares que ela frequenta, os alimentos que come, as coisas que posta, compartilha, curte e os amigos que tem. É justamente por isso que grandes empresas e departamentos de recursos humanos analisam o perfil de um candidato por meio de suas redes sociais, buscando prever se ele será um bom funcionário.

Vale ressaltar ainda que, na era pós-internet, os dados são a moeda de troca, por isso tudo o que fazemos *online*, como compras, conversas em aplicativos, cadastros em *sites*, entre outras atividades, é registrado e também pode ser utilizado contra nós mesmos. Hoje é praticamente impossível acessar a internet de forma anônima e, assim, evitar a exposição excessiva. Desse modo, além dos cuidados com o que se posta, devem ser observadas outras práticas, como: atualizar as configurações de segurança e privacidade de seus dispositivos móveis, aplicativos de mensagens e navegadores; evitar compartilhar detalhes de sua rotina (como informações da escola ou trabalho que frequenta, fotos no clube etc.); não responder a provocações ou intimidações nos meios digitais; ter um bom antivírus instalado; e alterar as senhas com frequência.

Matheus Costa de Melo Moreira é advogado e especialista em Direito Digital e Internet e Direito para *Start-ups*. É membro da Comissão de Direito para *Start-ups* da OAB/MG e do Instituto Brasileiro de Direito Digital (IBDDIG). Trabalhou por mais de 15 anos na área de tecnologia e desenvolvimento *web*. Atua, ainda, com privacidade e proteção de dados pessoais, blindagem de negócios digitais, remoção de conteúdo da internet, crimes na internet, propriedade intelectual e direitos da personalidade.



Arquivo pessoal/
Matheus Moreira

HA
BILI
DA
DES

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estabelece competências e habilidades norteadoras do estudo dos conteúdos exigidos para o Ensino Médio. Por meio do texto “A importância da proteção de dados no uso da internet”, foram trabalhadas, principalmente, as seguintes competência e habilidade da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias:

C4 – Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

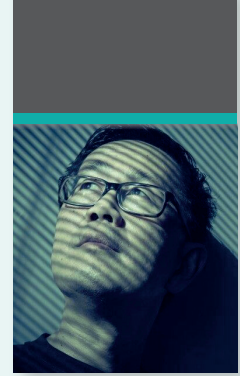
H20 – Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.

CARREIRA: Ciência da Computação

Na profissão em que a interdisciplinaridade e a informalidade fazem parte do dia a dia, é preciso ter bom raciocínio lógico, autonomia e vontade de resolver problemas por meio da programação. A carreira é promissora e há vagas dentro e fora do Brasil. Além disso, o profissional pode escolher em que setor gostaria de atuar, uma vez que a computação está presente em todas as áreas da sociedade, à distância de um clique.

ENTREVISTADO | Fernando Masanori

É docente da Fatec de São José dos Campos (SP), graduado em Ciência da Computação pelo Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP) e mestre em Engenharia da Computação pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Já desenvolveu projetos para o Credicard Mastercard e para o Itaú BankBoston. Nos dois últimos anos, ministrou mais de 100 palestras e minicursos na comunidade Python, viajando pelo Brasil e por outros 15 países. É *fellow* da Python Software Foundation, uma organização sem fins lucrativos dedicada à linguagem de programação Python, utilizada, por exemplo, em empresas como Instagram, Disney, SpaceX e NASA.



Arquivo pessoal/Fernando Masanori

Equipe Leia Agora: Quais devem ser os objetivos do vestibulando de Ciência da Computação?

O interessado em cursar Ciência da Computação precisa querer resolver os problemas reais por meio da **programação**, ferramenta que dará a ele uma nova forma de entender o mundo. Hoje, usamos programas toda hora, seja em um celular, seja em momentos de diversão, porém são programas feitos por outras pessoas; você está limitado a fazer o que elas querem. Por outro lado, ao aprender a programar, você assume o controle, ganha autonomia. Assim, o vestibulando desse curso deve ter uma familiaridade com o raciocínio lógico.

Equipe LA: Quais são as principais disciplinas desse curso? A habilidade com Ciências Exatas é indispensável?

As principais disciplinas são Introdução à Programação e Estrutura de Dados. Não acredito que a familiaridade com a área de Exatas seja imprescindível, uma vez que, hoje, os profissionais interdisciplinares são até mais valorizados. Porém, disciplinas clássicas dessa ciência, como Cálculo, são parte do currículo básico do curso.

Equipe LA: O estágio é obrigatório durante a graduação? Qual é a importância dessa etapa na formação de um cientista da computação?

A obrigatoriedade fica a critério da instituição de ensino, porém o estágio é interessante para que o aluno possa colocar em prática o que aprende no curso. Quando é obrigatório, possui uma carga horária baixa nos últimos semestres da graduação e deve ser supervisionado para que, ao final, o graduando faça um relatório sobre a experiência. Na prática, é muito difícil haver um estudante que não esteja trabalhando no final de um curso relacionado à computação, mesmo que não seja obrigatório o estágio. Dessa forma, além de ter acesso ao mundo real da profissão, o aluno desenvolve habilidades sociais, pois, normalmente, irá trabalhar em uma equipe.

Equipe LA: Com a graduação concluída, qual é a área mais promissora no mercado de trabalho? Há muita concorrência?

A área que mais cresce no Brasil e no mundo é a de Data Science. Nela, existem muito mais vagas do que pessoas qualificadas, portanto surgem oportunidades de trabalho em vários locais e com relativa facilidade. Como a quantidade de dados é crescente, agregar valor a eles pode gerar muitas oportunidades. Em São José dos Campos (SP), por exemplo, temos imagens de satélite disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Na mesma cidade, existe uma *start-up* que, por meio da programação, verifica se determinadas plantações de eucalipto estão mais propensas a pragas, a fim de comercializar essa informação com companhias de produção de celulose. Esse trabalho é feito a partir de informações obtidas no processamento de imagens. Outra empresa de São José dos Campos utiliza dados públicos relativos a pregões eletrônicos, oferecendo serviços a qualquer companhia que deseje vender produtos para órgãos públicos. Há, ainda, a Uber, que utiliza dados relativos aos motoristas, às rotas e aos perfis de passageiros para melhorar a segurança de suas viagens com base no histórico de dados passados.



puhha/Shutterstock.com

Por meio da programação, o cientista da computação pode atuar em todos os setores da sociedade, do jornalismo ao mapeamento via satélite.

Equipe LA: Como é o dia a dia de um cientista da computação?

O profissional começa o dia com tarefas pendentes, que, muitas vezes, demandam programação. Eu, por exemplo, tenho três telas na minha mesa, uma delas bem grande! O ambiente é informal e, algumas vezes, você faz parte de uma equipe internacional, em que a comunicação é importante – aliás, depois de um certo nível de trabalho, você gasta um bom tempo nisso. Eu faço parte de uma equipe com pessoas de todos os continentes, o que exige um certo “malabarismo” para fazer videoconferências, por causa do fuso horário. Algumas vezes, meus parceiros do Japão e da Coreia já me acordaram no meio da madrugada por engano. Além disso, a comunicação é importante porque você depende de outros locais para tirar dúvidas técnicas e pegar código pronto feito para tarefas semelhantes à que você tem.

Nessa área, as pessoas costumam participar de muitos eventos. Eu já fui a um congresso em Natal, em que todos decidiram ir de bermuda e chinelo. Foi uma experiência divertida ver quase 750 pessoas naquele hotel de forma tão descontraída. Também pude viajar por 15 países diferentes, alguns exóticos, como a Namíbia e a África do Sul, outros com uma cultura bem diferente da nossa, como o Japão. Nos Estados Unidos existem cidades interessantes, como Portland, que tem a maior livraria do mundo. No Brasil, passei por cidades como Jericoacoara, Porto de Galinhas, Manaus, Florianópolis etc. Viajei 400 mil quilômetros de avião, o que é equivalente a dez voltas ao redor do mundo ou uma viagem até a Lua.

Tudo isso ocorreu porque, no mundo da computação, os avanços são muito rápidos e é necessário participar de muitos eventos. Além disso, as pessoas também estão interessadas no que você tem para compartilhar. Eu acabei realizando essas viagens por ser um palestrante frequente, mas as pessoas costumam viajar muito para a simples participação nesses encontros, para fazer *networking* ou para trocar experiências dentro das equipes da própria empresa.

Equipe LA: Quais são as principais diferenças entre as carreiras de Ciência da Computação e Engenharia da Computação? O que o contratante analisa na hora de escolher um profissional dessas áreas?

A Engenharia da Computação costuma abranger disciplinas do mundo físico, como a Eletrônica. Já a área de Ciência da Computação limita-se ao mundo formal, expresso principalmente na programação. As

oportunidades de trabalho são abundantes, então, na prática, costuma ser melhor optar por cursos de menor duração. A graduação de Ciência da Computação, por exemplo, geralmente tem quatro anos de duração, enquanto o curso de Engenharia de Computação tem cinco. Existem, ainda, os cursos tecnólogos, como o de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, que duram três anos. No mundo real, seu verdadeiro currículo é ter projetos realizados, que costumam ser colocados em um repositório público chamado Github. Dada a grande demanda, as empresas costumam dar mais importância aos projetos realizados do que para a graduação feita. Claro que estudar no ITA, na Unicamp ou na USP é um diferencial, mas, no fim das contas, seus repositórios do Github contam mais.

Equipe LA: Em um mundo cada vez mais conectado, quais são os desafios para um cientista da computação?

O cientista da computação tem foco na **resolução do problema**. Assim, o importante nessa carreira é saber fazer boas perguntas, como “quais são os problemas que valem a pena?”. As pessoas que costumam ter mais contato com essas situações são profissionais de humanas, por isso, hoje, o grande desafio do cientista da computação é conseguir ter a “visão aberta” de mundo típica desses profissionais, promovendo a interdisciplinaridade.



A segurança *on-line* é um desafio hoje, mas com simples atitudes, como a navegação anônima e a privacidade nas redes sociais, é possível proteger a pegada digital.

Equipe LA: Na era das redes sociais e do excesso de exposição *on-line*, como proteger a chamada “pegada digital” de forma simples?

Tudo o que você publica fica para sempre na internet – meio “Black Mirror”, né? Eu procuro evitar postagens pessoais na minha *timeline*, pois, hoje, toda rede social tem o conceito de *stories*, em que a postagem some depois de um tempo. Assim, existe mais liberdade para

expressar o nosso cotidiano sem medo, já que depois de um dia aquele *post* some.

Além disso, as redes sociais permitem que você poste algo apenas para seus amigos ou para um determinado grupo de pessoas, bem como dão a você a opção de permitir ou não que seja marcado em fotos de outros perfis. Hoje, devemos tomar cuidado também ao entrar em *sites* de pirataria, *torrent*, pois eles costumam ter “cavalos de Troia” ou outros programas maliciosos. Eu uso, ainda, um aplicativo chamado LastPass, que gera e guarda todas as minhas senhas. Assim, crio senhas fortes e não preciso ficar decorando nada.

Por fim, é recomendável também usar a navegação anônima, que evita muitos problemas. Se você procurar um determinado produto, provavelmente irá notar que aparecem propagandas posteriores, em outras páginas, sobre aquela mesma coisa; a navegação anônima evita esse rastreamento. É bom ter cuidado até com as postagens em grupos de WhatsApp, pois alguém pode tirar um *print* da sua tela e divulgar a terceiros.

Equipe LA: Em relação às *fake news*, existem mecanismos que evitam esse tipo de conteúdo? Há pesquisas voltadas para esse assunto dentro da Ciência da Computação?

O maior divulgador de *fake news*, hoje, é o WhatsApp da família, e é difícil controlar esse tipo de rede social. Atualmente, existem agências que analisam se uma notícia é *fake*, mas, nos grupos familiares, ninguém costuma checar se ela é verdadeira. É adequado, portanto, verificar se a informação tem fundamento antes de compartilhá-la na sua *timeline*. Muitas vezes, basta uma busca no Google para isso. Existem, hoje, sistemas de aprendizagem automática, que, a partir de notícias falsas anteriores, procuram estabelecer um padrão a fim de apresentar a probabilidade de aquela informação ser falsa ou verdadeira. Isso leva em conta o perfil de quem divulga, seus seguidores, suas postagens, os locais onde a notícia está aparecendo etc. Esses programas, porém, têm como dificuldade de análise a privacidade de determinadas redes, por exemplo, grupos de WhatsApp ou mensagens *inbox* do Instagram.

Equipe LA: Na sua opinião, há um “vilão” da internet hoje em dia? Como se tornar um bom usuário, consciente de seus passos?

Não existe um vilão. Tudo tem seu lado positivo e negativo, porém entender os mecanismos básicos por

trás desse mundo é importante para todos. A programação é apenas um meio para isso, pois, ao conhecer problemas reais que acontecem em nosso mundo tecnológico, você terá autonomia para não cometê-los pessoalmente. Por outro lado, a potencialidade do bem que você pode fazer é maior; sou otimista em relação à capacidade da internet para melhorar a nossa vida.

Equipe LA: Um cientista da computação pode atuar em mercados como os de Medicina, Direito, Marketing e Jornalismo? De que forma?

Não somente pode, como é muito mais divertido trabalhar assim. Dizem que é bom pensar “fora da caixa”, e eu digo que, para isso, não há nada como viver com pessoas que têm esse pensamento. A computação é um instrumento poderoso, mas é só um instrumento. O que importa são os problemas a serem resolvidos, e, como disse anteriormente, as pessoas de outras áreas é que podem dar os melhores problemas e formular as perguntas mais interessantes. Eu já visitei uma *lawtech* (empresa de tecnologia jurídica) de São José dos Campos que usa a tecnologia para a resolução de disputas na área de Direito; uma amiga minha descobriu uma forma de melhorar o tempo de espera do SUS em Santa Catarina usando a análise de dados públicos. Em um curso de programação que ministrei para funcionários do jornal *Folha de S.Paulo*, fizemos mais de 20 reportagens utilizando a programação. Descobrimos, por exemplo, que moradores de favela, no Rio de Janeiro, costumam ser associados ao tráfico, enquanto moradores de outras regiões da cidade são considerados apenas usuários quando flagrados na posse de drogas. Para isso, por meio da programação, baixamos todos os mandados relacionados ao assunto e os mapeamos nas regiões do Rio de Janeiro.



No Brasil, apenas 15% das matrículas em cursos relacionados à computação são feitas por mulheres. Na Namíbia, esse índice é de 50%.

Equipe LA: Você é responsável por um curso de programação para mulheres. Como surgiu essa ideia e por quê?

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), apenas 15% das matrículas em cursos relacionados à programação são de mulheres, e o índice de desistência costuma ser alto. Além disso, uma das linguagens mais populares de programação, Python, tem uma fundação associada, da qual sou *fellow* (contribuidor mundial que se destaca na formação de comunidades em torno da linguagem). Um dos objetivos dessa fundação é incentivar a diversidade e a inclusão na comunidade de programação. Minhas iniciativas, dessa forma, fazem parte de uma estratégia global para melhorar esse quadro que temos no Brasil e na maior parte dos países do mundo. A Nigéria, por exemplo, está organizando cerca de 40 *workshops* de programação para mulheres, e a nossa fundação contribui com 25 dólares por participante para ajudar no transporte, na alimentação e na aquisição de equipamentos. Porém, a iniciativa não é voltada apenas às mulheres. No Brasil, procuramos oferecer cursos especiais para pessoas com deficiências visuais ou auditivas.

Equipe LA: Como foi sua experiência na Namíbia, país africano onde 50% dos estudantes de computação são mulheres?

Na Namíbia, participei de um *workshop* de programação exclusivo para mulheres. O país é um imenso deserto, onde foi gravado o filme *Mad Max: Estrada da fúria*. Foi uma experiência maravilhosa, pois as pessoas de lá são muito acolhedoras, mas fiquei chocada com as nossas diferenças. Lá, um táxi para qualquer lugar saía por 4 ou 5 reais, e grande parte das alunas não tinha computador pessoal. Porém, depois de um ano, vimos como aquele curso teve um impacto real na vida delas; valeu a pena. Muitas começaram a organizar novos *workshops* em outros países, como Gana, Nigéria ou Zimbábue.

Diante disso, afirmamos que ter o conhecimento de programação, ainda que básico, promove um grande diferencial em países em desenvolvimento. Para as mulheres desses locais, fazer um curso de computação e, depois, ensinar outras, de todas as áreas, a ter autonomia no mundo da tecnologia pode provocar um impacto social enorme. Uma das minhas alunas na Namíbia, formada em Ciências Sociais, criou um *blog* que divulga a causa feminista na África, por exemplo.

Equipe LA: De que outras maneiras a programação e o mapeamento de dados *on-line* interferem na vida da sociedade?

Existem aplicações interessantes, e eu gosto de citar o apoio a tragédias. Pesquisadores criaram recentemente um algoritmo que calcula o deslocamento das vítimas com base na última posição do GPS do celular delas antes do rompimento da barragem de Brumadinho. Também há o exemplo do Airbnb, que disponibiliza habitualmente sua plataforma para que voluntários possam cadastrar vagas para desabrigados em calamidades. Em Uganda, um sistema da UNICEF, chamado U-Report, serve como uma espécie de censo digital: um SMS é enviado para as pessoas, no formato de texto simples, com uma pergunta como: “na sua região existem médicos atendendo aos casos de ebola?”. A resposta é simples: 1 para sim e 2 para não. A partir desse retorno, automaticamente é possível obter as coordenadas que indicam a localização de quem a enviou, o que auxilia as autoridades a fazer um planejamento melhor.

Equipe LA: Você recomendaria a profissão? Por quais motivos?

Queria ser jornalista, como meu pai, mas ele achava que minha cabeça era muito desordenada e que seria melhor fazer faculdade na área de Exatas para organizar o meu raciocínio. Depois do curso, eu poderia seguir o caminho que quisesse. Ele acertou. Hoje, realizo dezenas de cursos para jornalistas e, no ano passado, fiquei durante três meses dentro da redação da *Folha de S.Paulo*.

Em primeiro lugar, ressalto que a Ciência da Computação é uma das áreas mais interdisciplinares existentes, por isso você pode seguir seu caminho depois. Em segundo lugar, enfatizo que gosto da carreira, porque podemos influenciar a criação de políticas públicas por meio da programação, automatizando o acesso e fazendo boas análises dos dados públicos, que, no Brasil, podem ser consultados devido à Lei de Acesso à Informação. Assim, é possível que um cientista da computação ajude na educação, na saúde, no meio ambiente, na política etc.

Por fim, acho muito divertida minha profissão, que permite que mais de 700 pessoas possam ir de bermuda e chinelo a um congresso e que viabiliza o intercâmbio entre profissionais de diversos países e estados.



Sua imagem na internet atrapalha a contratação?

Por Cláudio Leyria

É comum um candidato a uma vaga de emprego seguir todo um ritual para ganhar pontos na frente de seus concorrentes: currículo impecável, bom desempenho na entrevista e nos testes, roupas equilibradas, *briefing* sobre a empresa onde quer trabalhar e por aí vai. Todos os detalhes nos contatos entre o candidato e a empresa são bem estudados.

Porém, não é difícil o interessado na vaga esquecer que seu comportamento nas redes sociais pode colocá-lo em uma condição de desvantagem. Se ele expressa afirmações polêmicas, publica fotos em que está embriagado ou cometendo ações que “não caem bem”, replica piadas de mau gosto (leia-se as de cunho misógino, homofóbico, racista...), faz apologia a vícios, enfim, se está na internet com uma imagem longe de ser exemplar, a vaga poderá ser do concorrente com menos experiência, mas com um caráter mais desejado pelos patrões, não importa o quanto ele está preparado para exercer o cargo.

Hoje em dia, as empresas estão preocupadas em escolher funcionários que vão respeitar as leis internas e que não vão expor informações sigilosas (ou, pior, tirar proveito dos dados). Ter bom caráter é um quesito apreciado, e não basta você falar a verdade (ou até mesmo mentir), pois será tirada a prova das redes sociais. Vale lembrar que esses cuidados com as palavras e imagens em sua conta em uma rede social devem ser tomados também durante sua permanência no emprego.

Além disso, as redes sociais geram um fenômeno que as pessoas nem sempre percebem: ninguém faz comentários negativos sobre a empresa na frente do chefe, mas muitos se sentem à vontade para fazer isso em uma rede social,

pois acreditam que estão seguros em expressar coisas que eles julgam ruins no local de trabalho.

Uma pesquisa do Careerbuilder, um dos mais visitados sites de emprego nos Estados Unidos, realizada em 2017, mostrou que mais de dois terços dos recrutadores das empresas americanas examinam as redes sociais dos concorrentes a uma vaga. As companhias brasileiras seguem a mesma tendência. Os empregadores não buscam somente dados que corroborem o potencial do candidato para executar a função oferecida, mas também para colher informações que atestem sua postura profissional *on-line*.

Conquistar uma vaga depende somente de estar isento de um comportamento politicamente incorreto? Não. O mesmo estudo mostrou que as empresas têm simpatia por candidatos que estejam engajados em causas sociais, mesmo as mais corriqueiras, como campanhas de agasalho, atividades promovidas por ONGs de defesa de animais, coleta de alimentos para famílias carentes, ajuda a vítimas de desastres naturais, como inundações etc.

Depois de tudo isso, temos algo a acrescentar? Sim. Sua conduta deve ser exemplar mesmo que você não poste fotos, vídeos ou textos na rede social. Isso porque as empresas recebem denúncias de pessoas ofendidas com o comportamento do funcionário. Ou seja, hoje em dia, há olhos em cima de você o tempo todo. O melhor é, caso ainda não seja, incorporar a sobriedade à sua personalidade. O mundo pode melhorar muito e você pode ajudá-lo melhorando a si mesmo.

Mosaico Cultural

SUJEITO A TERMOS E CONDIÇÕES: O CONTRATO QUE GARANTE A VIGILÂNCIA NA INTERNET

Documentário mostra como, na era digital, as empresas e os governos conseguem acesso ilimitado às informações pessoais dos usuários e o que ganham com isso.

Certamente, você já teve que aceitar os termos e condições de um *site* ou aplicativo antes de começar a usá-lo. Mas você costuma ler esse documento? Sabe do que está abrindo mão em favor do acesso a essas plataformas digitais? Em geral, não damos importância a esse contrato e clicamos em “aceito” sem conhecer seu conteúdo. Afinal, se o serviço é gratuito, o que a empresa pode querer de mim? Se você tem dúvida, então não conhece a máxima que rege a internet: se o produto é de graça, o produto é você.

É sobre isso que trata o documentário “Sujeito a termos e condições”, do diretor Cullen Hoback, lançado em 2013. A produção mostra que, principalmente quando o serviço *on-line* se diz gratuito, há, na verdade, um preço que se paga por ele: nossas informações pessoais. Mas quem autoriza as empresas a obtê-las? Nós mesmos, ao assinar os termos e condições. Esse documento é importante porque ele estabelece quais os direitos e deveres do usuário e da empresa.

E se você pensa que seus dados não devem interessar às grandes corporações, está muito enganado; elas, inclusive, lucram em cima das suas preferências e do seu comportamento na internet. Para demonstrar como isso acontece, o documentário apresenta o caso do Facebook, que, analisando as nossas publicações, fotos e interações, permite que empresas comerciais nos enviem anúncios segmentados.

Suponha que você tenha curtido muitas fotos que mostram sapatos, por exemplo, nos últimos dias. É muito provável que, de repente, você seja bombardeado com propagandas e ofertas desse produto. Se você já estava querendo comprá-lo, esse será o empurrãozinho que faltava. Pronto: apenas com base no seu comportamento *on-line*, uma venda foi realizada. Percebeu como tudo o que fazemos na internet movimenta (e muito) o mercado mundial?

É possível ter privacidade na era digital? O documentário não apresenta resposta para essa pergunta, mas nos mostra possíveis caminhos para garantir esse direito. Um deles é exigir que a nossa autonomia e o controle das nossas próprias informações estejam resguardados pelos termos e condições.

INFO: *Sujeito a termos e condições*. Direção: Cullen Hoback. Estados Unidos, 2013.

PINTURA

Tarsila popular

→ até 28 de julho

ONDE: Masp, São Paulo.

Centrada na obra de Tarsila do Amaral (1886-1973), a exposição, de cerca de 120 itens, propõe uma nova abordagem da produção da artista, chamando a atenção do público para as aproximações desses trabalhos com a arte popular e vernacular. O objetivo é enfatizar personagens, temas e narrativas da artista, especialmente em relação a questões sociais, políticas, raciais e de classe.

INFO: <<https://masp.org.br>>.

FOTOGRAFIA

50 anos de Realismo – do fotorrealismo à realidade virtual

→ até 28 de abril

ONDE: Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília.

A exposição interativa faz um recorte inédito da realidade na arte e apresenta cerca de 90 obras – entre pinturas, esculturas, vídeos e instalações digitais – de 30 artistas contemporâneos. A mostra é dividida em etapas e inclui trabalhos que vão desde o fotorrealismo e o hiper-realismo até a realidade virtual e modelos em 3D.

INFO: <<http://culturabancodobrasil.com.br>>.

EXPOSIÇÃO

Consciência Cibernética

→ até 19 de maio

ONDE: Itaú Cultural, São Paulo.

No mundo contemporâneo, a inteligência artificial se desenvolve de maneira tão veloz que, em muitos casos, a capacidade de aprendizado das máquinas demonstra se igualar e até superar a operação executada por cérebros humanos. Então, o que esperar de um futuro próximo? Por meio de obras que exploram características do processamento de dados, essa exposição propõe um olhar artístico para essa questão.

INFO: <<http://itaucultural.org.br>>.

LITERATURA

Fliposços

→ 27 de abril a 5 de maio

ONDE: Espaço Cultural da Urca, Poços de Caldas.

A 14ª edição do Festival Literário de Poços de Caldas tem como tema central a “Literatura sem Fronteiras”, destacando literaturas ainda pouco exploradas e difundidas no Brasil, como a latino-americana, a africana e a indígena. O evento conta com a presença de escritores nacionais e internacionais em mesas de discussão, além de proporcionar uma feira do livro e uma programação voltada para o público infantil, a Flipocinhos.

INFO: <www.flipocos.com>.

#FICADICA



The Circle (O círculo). Direção: James Ponsoldt, 2017.

O Círculo é a maior empresa de tecnologia do mundo. À frente de tudo que diz respeito à internet, a companhia é o sonho de carreira para muitos jovens, incluindo Mae (Emma Watson), uma universitária. Após ser contratada, ela tem a tarefa de documentar sua vida o tempo todo e acredita estar vivendo tudo o que sempre sonhou, mas alguns acontecimentos a fazem pensar que talvez não seja bem assim, afinal, toda essa exposição tem um preço. Quanto custa a falta de privacidade?



Caroline Kepnes. Você. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

Best-seller do The New York Times, o romance, que inspirou a série de TV homônima, fala sobre Joe Goldberg e sua atração por Guinevere Beck. A narrativa tem início quando Beck entra na livraria em que Joe trabalha e ele instantaneamente se interessa por ela. A partir disso, Joe começa a vasculhar as redes sociais de Beck em busca de informações e passa a aparecer nos mesmos lugares que ela, tentando atrair sua atenção. Conforme o relacionamento dos dois avança, somos levados a refletir sobre os perigos de exposição na internet.



Nossa vida exposta. Direção: Ondi Timoner, 2008.

Imagine uma “sociedade alternativa”, na qual aproximadamente 300 pessoas vivem juntas e são filmadas em tempo integral, como em um Big Brother. Essa sociedade existiu nos anos 1990, foi uma iniciativa inovadora para a década e chocou muitas pessoas pela sua ousadia. A narrativa acompanha o mentor desse projeto, um excêntrico milionário que previu algumas ferramentas que fazem parte da maneira como usamos a internet atualmente.



Person of Interest. Criado por: Jonathan Nolan, 2011-2016.

Após criar um software capaz de prever crimes com base nos rastros digitais de cada pessoa, um bilionário programador se une a um ex-agente da CIA para lutarem juntos contra criminosos. Cada episódio gira em torno de um dos casos que a dupla deve solucionar, e a narrativa se desenvolve à medida que essas máquinas começam a tomar decisões acima daquelas para as quais haviam sido programadas.